

As disposições anímicas que levam à ligação com os falecidos

Rudolf Steiner

GA 181* sétima conferência Berlim, 26 de março de 1918

Tradução: Salvador Pane Baruja, 23/12/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Para reavivar a lembrança do que foi dito oito dias atrás, vamos abordar em poucas palavras o mesmo tema^{NT}. Naquela ocasião, eu disse que, quando se trata de compreender a relação entre uma alma humana encarnada no corpo e uma alma humana desencarnada que vive entre a morte e um novo nascimento, deve-se dirigir o olhar espiritual para o “ar anímico” que deve ligar ambos, de forma que possa existir essa relação mútua. Depois, vimos que os vivos devem possuir determinadas disposições anímicas para poder estabelecer relações com o reino dos falecidos. Isso pressupõe a existência de certo elemento anímico, que, quando se une ao correspondente sentimento da pessoa viva, gera então a oportunidade de acontecer essa ligação.

Assim, a possibilidade de criar essa ligação do “ar anímico” dá-se por meio de dois sentimentos diferentes, que podem surgir na pessoa viva. Um deles pode ser chamado de o sentimento de gratidão universal perante todas as experiências da vida. Eu disse que, geralmente, a maneira como uma alma humana se relaciona com o seu entorno divide-se numa parte consciente e numa outra subconsciente. A parte consciente é conhecida por todos e consiste em que o ser humano age conforme as suas percepções conhecidas e com simpatia ou antipatia perante o que a vida traz.

A parte subconsciente vem a ser aquela na qual nós, de fato, desenvolvemos um sentimento abaixo da consciência, que é melhor, mais elevado, do que os sentimentos que desenvolvemos em estado consciente. Esse sentimento só podem ser descrito como a sensação de que nessa alma inferior^{NT} sempre sabemos que deveríamos ser gratos por cada experiência da vida que vivenciamos, mesmo que seja a mais insignificante. Certamente, as duras experiências da vida nos atingem dolorosamente por um tempo, mas de uma perspectiva mais ampla da existência mesmo essas dolorosas vivências mostram-se gratas, não na alma superior mas na inferior, porque a nossa vida é presenteada permanentemente com dádivas do universo.

Isso é algo que realmente se aninha como sentimento no subconsciente na alma humana. Por outro lado, nosso Eu está em contato com cada ser com o qual tivemos alguma relação na vida. Nossas ações desdobram-se até um ou outro ser, que inclusive pode ser um ser inanimado. Mas aí onde nós fizemos algo, onde nossa essência se uniu pela ação à essência de um outro ser, aí fica algo e isso que ficou fundamenta uma afinidade permanente de nossa essência com tudo aquilo ao que nos unimos em algum momento da vida. Como eu disse, esse sentimento de afinidade é a base de um profundo sentimento de comunidade com o mundo em torno de nós, um sentimento comunitário que a alma superior geralmente desconhece.

NT: São 21 conferências, realizadas de 22 de janeiro a 6 de agosto de 1918 em Berlim, no final da chamada Primeira Guerra Mundial. Elas marcam o fim dos ciclos de conferências em Berlim, pois Rudolf Steiner passa a ser concentrar em Dornach, Stuttgart e outras cidades européias. As observações do tradutor são apresentadas entre chaves {}. O conceito de alma superior consta do ensaio *A alma superior*, do escritor norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882), publicado em 1841. A escritora alemã Auguste Hauschner (1850-1924) lançou em 1898 a novela *A alma inferior*, um adendo ou resposta ao ensaio acima citado.

O ser humano pode viver de maneira cada vez mais consciente esses dois sentimentos, o sentimento de gratidão e o sentimento de comunidade com o ambiente ao qual está ligado cármicamente de alguma forma ou outra. De certa maneira, ele pode elevar esses sentimentos à alma e assim estará em condições de construir a ponte para as almas que vivem entre a morte e um novo nascimento.

Os pensamentos dessas almas só podem achar o caminho até nós se puderem passar pela esfera que nós vivos construímos com o nosso sentimento de gratidão. E nós só podemos dirigir-nos a elas porque a nossa alma já passou a desenvolver pelo menos um pouco do sentimento da verdadeira vida em comunidade. Por estar em condições de sentir gratidão perante o universo é que, às vezes, vivemos na alma essa atmosfera de gratidão quando queremos entrar em contato com os falecidos. Por ter exercitado esse sentimento de gratidão é que podemos vivê-lo e, assim, o pensamento dos falecidos chega até nós.

Justamente porque podemos sentir que nosso ser vive numa comunidade orgânica, da mesma maneira como os dedos fazem parte do nosso corpo, é que estamos maduros para vivenciar essa gratidão para com aqueles que não estão mais fisicamente presentes e, assim, chegamos com os nossos pensamentos até eles. A pessoa que incorporar à sua alma essa atmosfera de gratidão e esse sentimento comunitário tem, portanto, a possibilidade de, dado o caso, aplicá-los conforme explicado anteriormente.

Esses sentimentos não são os únicos, pois existem inúmeros sentimentos e disposições anímicas subconscientes. Tudo o que formamos na alma prepara o caminho para o mundo no qual vivem os falecidos entre a morte e um novo nascimento. Surge assim um determinado sentimento, que sempre existe no subconsciente, mas que pode ser trazido à consciência: é o lado da gratidão, um sentimento do qual o ser humano mais se afasta à medida que se volta crescentemente para o materialismo.

No subconsciente, porém, esse sentimento está sempre presente e nem mesmo o mais poderoso materialismo pode extingui-lo. Levá-lo da subconsciência para a consciência é o que enriquece, eleva, enobrece a vida humana. Esse sentimento é o que se pode descrever como a confiança universal na vida que flui em nós e em torno de nós, é a confiança na vida! É extraordinariamente difícil encontrar a confiança na vida no interior de uma concepção existencial conformada pelo materialismo.

Ela é mesmo parecida à gratidão perante a vida, mas ao mesmo tempo vem a ser algo diferente. A confiança na vida vem a ser a inabalável disposição anímica de que, independente da forma dela se apresentar e apesar de tudo, a vida tem algo a nos dar, de tal jeito que nunca poderíamos pensar que a vida nada teria a nos dar, seja de um jeito ou de outro. Sim, vivemos experiências dolorosas e pesadas, mas, olhando de uma perspectiva existencial mais ampla, são exatamente as mais dolorosas e pesadas experiências da vida que nos enriquecem e nos fortalecem existencialmente. Trata-se, portanto, de trazer para a alma superior um pouco desse sentimento permanente que existe na alma inferior, esse sentimento que diz: vida, ó vida, você me levanta e me carrega, você faz com que eu possa avançar.

Ganharíamos muito se no sistema educacional fosse cultivada essa disposição. Seria de extraordinária importância se na educação e no ensino fossem mostrados exemplos específicos de como, justamente porque muitas vezes é difícil compenetrar-se com a vida, é possível conquistar essa confiança na vida.

Pois, na medida em que se contempla a vida deste ponto de vista – “vida, ó vida, você merece confiança?” –, constata-se que dessa forma se conhece muito mais da vida do que em outras situações. Essa disposição não deve ser contemplada de maneira superficial. Não se deve achar que tudo é bom e bonito na vida. Ao contrário. Justamente a partir dessa confiança na vida é que podem surgir as mais fortes críticas a situações ruins e disparatadas. Frequentemente, é por não se ter essa confiança na vida que uma pessoa evita criticar o que é ruim e disparatado, porque quer ficar longe daquilo que não confia.

Não é o caso de se confiar nas coisas isoladas, isso é outra história. A pessoa confia nisto e não confia naquilo, conforme cada caso e cada ser envolvido. A questão é ter confiança na totalidade da vida, na coesão geral da existência. À medida que a pessoa resgatar do subconsciente um pouco dessa confiança na vida que já existe, ela passará a preparar o caminho para realmente observar a espiritualidade, a sábia condução e os sábios desígnios da vida.

Quem, longe de qualquer teoria, repetir frequentemente para si mesmo: “assim como as situações da vida se sucedem, na medida em que me acolhem e têm a ver comigo, elas passam a ter um significado no qual eu posso confiar”, prepara-se para perceber gradualmente o que vive nas coisas e as conforma espiritualmente. Quem não tem essa confiança, fecha-se perante aquilo que vive e que conforma espiritualmente o mundo.

Agora, voltemos a ver a relação dos vivos com os falecidos. Na medida em que se desenvolve a disposição para ter confiança, em contrapartida, oferece-se ao falecido a possibilidade dele encontrar através de seus pensamentos o caminho até nós. É por meio desse ambiente de confiança que, de certo modo, seus pensamentos podem chegar até nós. Quando temos confiança e fé na vida em geral, mudamos a constituição da nossa alma de tal forma que nela podem surgir as inspirações, que são os pensamentos enviados pelos falecidos.

De certa forma, a confiança na vida e a gratidão à vida, como foram apresentadas, estão entrelaçadas entre si. Sem essa confiança universal no mundo, não poderíamos ter confiança suficientemente forte no ser humano que vá além da morte, pois, caso contrário, seria apenas uma lembrança da confiança. Os senhores devem entender que os sentimentos que deveriam chegar aos falecidos, que não estão mais encarnados num corpo físico, devem ser transformados de forma diferente do que os sentimentos dirigidos a uma pessoa que habita num corpo físico.

Com certeza, a confiança que temos numa pessoa encarnada num corpo físico também será útil para o seu estado após a morte. Mas é necessário que que essa confiança {desenvolvida durante a vida terrena} seja fortalecida pela confiança universal, porque o falecido vive sob outras condições. Mas também porque nós não precisamos meramente lembrar a confiança que tivemos nele aqui na Terra, mas especialmente porque nós também precisamos renovar a confiança num ser que não pode mais despertar em nós confiança pela sua presença física. Essa é a razão pela qual precisamos, de certo modo, irradiar no mundo algo que não tem a ver com os objetos do mundo físico. Esse algo que não tem a ver com os objetos do mundo físico é a confiança universal na vida, conforme a apresentamos.

Assim como a confiança existe junto com a gratidão, também existe algo paralelo ao sentimento comunitário, que está presente no subconsciente da alma, mas que também deve ser elevado para a consciência da alma. É algo que nós deveríamos cultivar mais do que o fazemos no dia a dia. Isso seria possível se esse elemento que agora vou mencionar for cultivado na educação e no ensino da nossa época materialista.

Muito, mas muito mesmo depende disso. Se o ser humano quiser se situar corretamente no mundo da atual época cultural, então deve desenvolver necessariamente, deveria resgatar, algo do subconsciente que nas antigas épocas da clarividência atávica surgia sozinho. Era algo que não precisava ser cultivado, que hoje ainda subsiste um pouco e tende a desaparecer como tudo aquilo que provém de tempos passados, e que hoje deve ser cultivado, mas cultivado a partir do conhecimento do mundo espiritual e não a partir de instintos imprecisos.

O que o ser humano nesse sentido precisa cultivar é a possibilidade de rejuvenescer, de refrescar, permanentemente o seu sentimento com aquilo que encontra diariamente na própria vida. Podemos levar a vida de tal forma que, a partir de uma certa idade, nos sentimos mais ou menos cansados, porque deixamos de participar ativamente da vida, porque não podemos mais contribuir suficientemente para a vida nos alegrar com os seus fenômenos. Só se compara quando se liga oposições externas: o dar e o receber das vivências na juventude e o cansado receber dos eventos da vida na velhice.

Pensem os senhores quantas decepções têm a ver com estas questões. É muito diferente se uma pessoa está em condições de permitir que, de certa forma, a sua força anímica participante renasça permanentemente, que cada manhã seja uma nova vivência anímica, ou se a pessoa fica, de alguma maneira, cansada das manifestações que surgem ao longo da vida.

Considerar este aspecto é de extraordinária importância e deve fluir também no sistema educacional. Vemos mesmo uma significativa mudança nesse sentido no desenvolvimento da humanidade. Nós julgamos as épocas passadas da humanidade sob a influência da nossa História, que, convenhamos, é uma *Fable convenue* {uma fábula inventada} muito enviesada. Não se sabe o levou os seres humanos nos últimos séculos a ter uma educação e um ensino que nada oferecem às pessoas daquilo que elas precisam no decorrer da vida.

Sob a influência das atuais condições existenciais, o máximo que hoje em dia temos na vida adulta daquilo que nos foi oferecido como educação na adolescência é a lembrança. Lembramos do que aprendemos, do que foi falado e em geral ficamos contentes quando recordamos algo dessa época. Mas não consideramos de jeito nenhum que a vida tem muitos segredos e que nessa área subsiste um segredo muito significativo. Em conferências anteriores¹, eu já fiz menção aqui a esse segredo, mas de uma outra perspectiva.

¹ Durante a conferência de 29 de janeiro de 1918 (GA 181), Rudolf Steiner disse: “Os maiores segredos dos mistérios da humanidade estão em relação à forma como deve-se ensinar para que os seres humanos posteriormente na vida, ao lembrar-se do tempo de aulas, possam sentir saudades, alegria, cordialidade e uma certa satisfação”.

O ser humano tem muitas facetas. Inicialmente, vamos observar duas delas. Como eu disse em outra ocasião, essa dualidade se expressa logo na sua forma corporal exterior: ele tem a cabeça e o resto do corpo. Se projetarmos essa dualidade visível do corpo e do resto do corpo à totalidade da constituição do ser humano, vemos logo muitas importantes descobertas do ponto de vista da Ciência Natural.

Olhando a constituição da cabeça de um ponto de vista exclusivamente fisiológico, verifica-se que ela se apresenta como um órgão que permite aplicar a doutrina materialista da hereditariedade, mais conhecida como a teoria de Darwin². O ser humano encontra-se de certa forma dentro desse desenvolvimento em relação à cabeça, mas somente em relação à cabeça, e não em relação ao resto do seu organismo. Para entender a origem do ser humano, os senhores devem imaginar a cabeça e o resto do corpo que cresce ligado a ela, independente do tamanho de cada órgão.

Imaginem os senhores se o desenvolvimento futuro do ser humano viesse a gerar órgãos especiais adicionais e que essa reconfiguração continuasse ocorrendo. Pois assim foi no passado. O ser humano era realmente um ser dotado apenas de cabeça, que foi se desenvolvendo até se transformar naquilo que hoje ela é. Todo o resto do corpo cresceu ao longo do tempo, mesmo que hoje ele seja maior do que a cabeça. Esse é o desenvolvimento mais recente. A cabeça do ser humano tem origem nos mais antigos organismos, enquanto que o resto do corpo foi crescendo adicionalmente mais tarde. É por isso que a cabeça é muito importante para o ser humano da atualidade, porque é uma lembrança da encarnação passada. O resto do corpo constitui, ao contrário, o pressuposto para a futura encarnação. Isso eu já falei em conferências anteriores. Deste ponto de vista, o ser humano é absolutamente dualista. A cabeça tem uma predisposição muito diferente do resto do corpo, é um órgão ossificado. De fato, se o ser humano não tivesse o resto do corpo, ele seria muito espiritualizado, mas seria um animal espiritualizado.

A cabeça não pode nunca se sentir como se fosse um ser humano, a menos que receba inspiração para tal. Ela remete às épocas do antigo Saturno, do antigo Sol e da antiga Lua. O resto do corpo remete apenas até o final da época da antiga Lua, cresceu como apêndice da cabeça e, nesse sentido, é realmente como um parasito da cabeça. Os senhores podem imaginar muito bem que a cabeça foi no passado a totalidade do ser humano, tinha para baixo órgãos de secreção e de alimentação. Era um ser muito singular.

Com o correr do desenvolvimento, contudo, as aberturas para baixo deixaram de funcionar e esse ser não pode mais se alimentar nem se ligar às influências que irradiavam a partir do meio ambiente. Como resultado, a cabeça se ossificou para o alto e foi necessário um apêndice, que depois passou a ser um organismo. Esta parte da organização física só surgiu na época quando não foi mais possível o aparecimento do resto da animalidade {na Terra}.

Os senhores dirão que é difícil pensar o que apresentei. Eu só posso responder que é preciso mesmo se esforçar em pensar algo assim, pois o mundo não é fácil do jeito que as pessoas gostariam que fosse, pois então elas não teriam que pensar muito para entender o mundo. Nesse sentido, constata-se que as pessoas criam uma enorme variedade de exigências para entender o mundo da maneira mais fácil possível. E assim surgem curiosas interpretações. Existe uma rica

2 Refere-se à obra *A Origem das Espécies*, do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882).

literatura sobre Kant³ para todas as pessoas que o consideram um portentoso filósofo. Isso é a consequência de que as pessoas que utilizaram muita força intelectual para entendê-lo e não entendem outros filósofos. Como ele ainda é tido como um grande filósofo – a pessoa acha que ela mesma é a mais genial de todas -, aí é que não entendem os outros filósofos. E porque entendem Kant com muita dificuldade é que o consideram um grande filósofo. Isso também tem a ver com o fato de que as pessoas temem aceitar que o mundo é complexo, pois assim deveriam utilizar a força {intelectual} para entendê-lo. Esses pontos já discutimos em outras oportunidades de diversos ângulos.

Assim que as minhas conferências sobre a Fisiologia oculta forem publicadas⁴, os senhores poderão ler como é possível comprovar embriologicamente que é uma bobagem dizer que o cérebro se desenvolveu a partir da coluna vertebral. É exatamente oposto: o cérebro é a transformação da antiga coluna vertebral, e a atual coluna se acoplou como um apêndice ao cérebro da atualidade. Precisamos aprender a entender que o mais simples para o ser humano surgiu depois daquilo que parece mais complexo, e o mais primitivo encontra-se numa posição inferior e surgiu posteriormente.

Eu introduzi o tema da dualidade humana para que os senhores possam entender qual é a consequência disso. E a consequência é que, como a nossa vida anímica se desenvolve também sob as condições que governam a corporalidade, também participamos dessa dualidade. Não somente temos orgânicamente o desenvolvimento da cabeça e o desenvolvimento do resto do corpo, mas também temos dois tempos diferentes, duas velocidades distintas, no nosso desenvolvimento anímico.

O desenvolvimento da cabeça humana ocorre relativamente rápido, enquanto que o desenvolvimento que conforma o resto do corpo – eu o chamo de o desenvolvimento do coração – dá-se relativamente mais lentamente, de três a quatro vezes mais lentamente. Geralmente quando o ser humano se encontra na casa dos vinte anos o cérebro já concluiu seu desenvolvimento. Ou seja, no que tem a ver com a cabeça, aos vinte anos já somos todos idosos. Somente porque a renovação da cabeça provém do resto do corpo, mas é três a quatro vezes mais lento, é que continuamos vivendo de uma maneira aceitável.

O desenvolvimento da cabeça transcorre rapidamente, o do coração, ou seja do resto do organismo humano, é de três a quatro vezes mais lento. Nossas vivências anímicas estão justamente dentro dessa dualidade. O desenvolvimento da cabeça já pode absorver muito na infância e na adolescência e é por isso que aprendemos nessas etapas da vida. Mas o que foi absorvido deve ser permanentemente renovado, deve ser constantemente incluído no desenvolvimento mais lento do resto do organismo, no desenvolvimento do coração.

Como atualmente {1918} a educação e o ensino só consideram a constituição da cabeça e lhe oferecem o que ela precisa, a consequência disso é que a cabeça faz parte do desenvolvimento mais lento do resto do corpo, como se fosse um organismo morto que se retrai, e as pessoas envelhecem anímicamente de maneira prematura. Esse fenômeno de que as pessoas na atualidade envelhecem anímicamente antes do tempo tem a ver basicamente com o sistema vigente da educação e do ensino.

3 Immanuel Kant (1724-1804), filósofo, matemático e cientista natural .

4 *A Fisiologia oculta*, GA 128, Editora Antroposófica, São Paulo, 1995 (primeira edição em alemão de 1927).

Evidentemente, os senhores não devem pensar em perguntar agora como se faz para mudar o ensino e evitar essa situação {meses depois, em setembro de 1919, foi inaugurada em Stuttgart a primeira escola Waldorf, a proposta de Rudolf Steiner, que considera esse aspecto, entre outros}. É um assunto muito importante e não deve ser respondido com duas palavras. Pois, quase tudo no ensino deve ser modificado, porque ele deve ser mudado para que não somente possa ajudar {a pessoa} a lembrar, mas para rejuvenescer, se renovar. Quantos adultos lembram o que ouviram na infância dos professores para fazer isto ou aquilo e ficam somente nessa lembrança? Quantos adultos, no lugar disso, voltam a mergulhar naquilo que fizeram na infância, na adolescência, revivendo amorosamente cada ação, cada observação, a voz, dos professores? Pois esse mergulhar é uma contínua fonte de rejuvenescimento que existe em nós.

Esse processo tem a ver com as velocidades que vivemos interiormente: a pessoa tem que seguir o desenvolvimento mais rápido da cabeça, que está concluído na faixa dos vinte anos de idade, e o ritmo mais lento do desenvolvimento do coração, que é o desenvolvimento do resto da pessoa, que deve alimentar a vida toda. Devemos dar à cabeça {pela educação e pelo ensino} não somente aquilo que só é para ela, mas devemos dar a ela também aquilo que pode fornecer repetidamente ao resto do organismo as forças rejuvenescedoras para a vida toda. Por isso é que cada uma das áreas de ensino deve ser permeada por algum tipo de elemento artístico.

Hoje em dia acredita-se que, porque a fantasia eleva a pessoa acima da mera realidade cotidiana, pode-se oferecer um pouco de fantasia no ensino, mas por causa disso existe pouco interesse em considerar esse segredo do elemento artístico na vida. É só olhar algumas áreas isoladas para constatar que pode-se conseguir o que eu disse, mas deve-se atingir algo muito especial, sobretudo conseguir que os seres humanos voltem a ser seres humanos. Isto é extremamente importante por muitas razões. Quero chamar a atenção especialmente para um ponto.

Hoje em dia quer se saber se os candidatos a professores sabem isto ou aquilo. E o que se constata com isso? Geralmente que, antes das provas, o candidato acumula na cabeça {a idéia de} que, se for esperto, pode ler em tais e tais livros o que poderia aprender em cada dia de aula para uma matéria, e com isso que o tradicional método de ensino não é necessário. O que realmente seria necessário testar nas provas é se o candidato a professor tem a disposição de criar de corpo e alma a relação que deveria construir com as crianças {os futuros alunos}.

As provas não deveriam testar o nível de conhecimento do estudante, mas identificar quão forte ele é como *ser humano*. Eu sei que, quando essa exigência é apresentada hoje em dia, as pessoas reagem de duas maneiras: ou elas dizem que quem assim fala é um doido, que não vive a realidade do mundo, ou que isso acontece permanentemente e que todos nós queremos atingir isso. As pessoas acreditam que, como as provas são realizadas, essas metas se tornam realidade por conta própria, porque as pessoas só entendem dos assuntos que elas mesmas mexem.

Evidentemente, eu fiz esta observação para apresentar também o lado prático da vida, mas também porque na atualidade é muito difícil trazer à consciência o que a pessoa sente no subconsciente. É é justamente isso que a alma exige. No futuro, essa exigência irá aumentar para enfatizar que nós precisamos ter na alma um pouco dessa força para renová-la constantemente e evitar ficar cansados pelo decorrer da vida, mas, ao contrário, para estar sempre esperançosos e possamos dizer: cada novo dia será para nós igual ao primeiro que o vivemos conscientemente.

Para isso, de certa forma não precisamos envelhecer, é extremamente importante que não fiquemos velhos demais. Quando hoje em dia se observa como homens e mulheres ainda relativamente jovens envelhecem, ou seja, não conseguem sentir como a criança que cada dia traz algo novo, então sabemos que nesta área da vida deve ser introduzida a espiritualidade através de uma nova cultura temporal.

Afinal de contas, esse sentimento de que a esperança nunca, nunca, nunca esmorece é que leva ao surgimento da relação correta entre os seres vivos e os chamados falecidos. Caso contrário, a relação que deveria ligar aos falecidos fica embebida demais pelas lembranças do passado. A pessoa pode se lembrar o que viveu aqui na Terra com um falecido. Mas quando a pessoa que fica na Terra não tem condições de reviver de maneira nova o que ambos vivenciaram durante a vida, então não se pode sentir com a intensidade necessária essa nova relação: o falecido é apenas um ser espiritual e deve agir como tal. Se uma pessoa se endureceu de tal maneira que não consegue mais rejuvenescer suas esperanças de vida, então não poderá mais sentir que ocorreu uma transformação absoluta. Anteriormente, a pessoa recebia ajuda por meio do encontro com essa pessoa quando ainda vivia, mas agora a ajuda só pode vir de um espírito. Porém, a pessoa pode se dirigir ao falecido, na medida em que desenvolve permanentemente as forças vitais {etéricas}, que mantêm frescas as esperanças da vida.

Agora gostaria de fazer uma observação que poderá parecer esquisita. A vida que se desenvolve aqui sadiamente em todos os sentidos nunca leva a considerar a vida como algo cansativo, a menos que a consciência tenha se escurecido. Ao contrário, uma vida que transcorre completamente sadia leva numa idade avançada a querer começá-la todo dia de novo, com o frescor do início.

Não é sadio se a pessoa de idade pensar: “graças a Deus que a vida já está acabando!”, mas quando diz: “agora que eu tenho quarenta ou cinquenta anos, eu gostaria de retornar ao início e viver de novo!”. Isso é o sadio, quando se aprende a consolar-se através da sabedoria que, aquilo que não pode realizar nesta vida, pode corrigir numa próxima existência. É sadio não querer sentir saudade de tudo aquilo que a pessoa vivenciou e não querer isso de novo nesta vida, mas poder esperar pela próxima existência. Essa é a verdadeira confiança na vida, construída a partir da esperança da vida ativamente cultivada.

É assim que temos os sentimentos que vivificam a vida corretamente e, ao mesmo tempo, formam a ponte entre os vivos daqui e os vivos do além: a gratidão perante a vida como ela se apresenta para nós, a confiança nas experiências desta vida, o íntimo sentimento de comunidade, a habilidade de cultivar ativamente as esperanças da vida por meio de forças vitais que se renovam permanentemente. Estes são os impulsos éticos e íntimos, que, sentidos corretamente, também podem gerar a melhor Ética social exterior, porque a Ética, como a História, só pode ser compreendida quando o subconsciente também é compreendido, como eu já disse em diversas conferências públicas⁵. Quanto à relação entre vivos e falecidos, ainda gostaria de levantar a questão que sempre pode surgir novamente: qual é afinal a diferença na relação entre seres humanos, na medida em que estão encarnados no corpo, e entre seres humanos, quando um deles não está encarnado, ou ambos não o estão? Gostaria de assinalar algo muito especial a esse respeito.

5 Refere-se às conferências *O sentimento de gratidão e o sentimento de comunidade formam a ponte para os falecidos*, de 19 de março de 1918 e *As revelações do inconsciente do ponto de vista da Ciência Espiritual*, de 21 de março de 1918 (ambas na GA 181).

Do ponto de vista da Ciência Espiritual, quando observamos o Eu do ser humano e a sua autêntica vida anímica, também chamada de corpo astral – quanto ao Eu, já disse anteriormente que ele é o membro novo, o neném, da organização humana, ao passo que o corpo astral é mais velho, mas somente desde o desenvolvimento da antiga Lua – devemos dizer que estes mais evoluídos membros da essência humana não estão desenvolvidos ao ponto do ser humano ter o poder de apoiar-se somente neles e manter-se autônomo diante de outros seres humanos. Se nós aqui na Terra tivermos somente nosso Eu e nosso corpo astral juntos, ou seja não estivéssemos vivendo em nossos corpos etérico e físico, estaríamos todos numa espécie de geléia primeva.

Nossa essência seria algo confuso e nebuloso, não estaríamos separados uns dos outros e nem estaríamos em condições de distinguir uns dos outros. Não se poderia dizer que alguém saberia qual é a sua mão ou o seu pé, ou mão e pé de outra pessoa, pois essa situação seria diferente demais em relação à atual e nem seria possível compará-las. As pessoas não poderiam sequer conhecer corretamente os seus próprios sentimentos. Nós seres humanos sentimo-nos separados uns dos outros, porque cada um de nós foi arrancado sob a forma de gota da massa líquida geral, que podemos imaginar ter existido em determinados tempos passados.

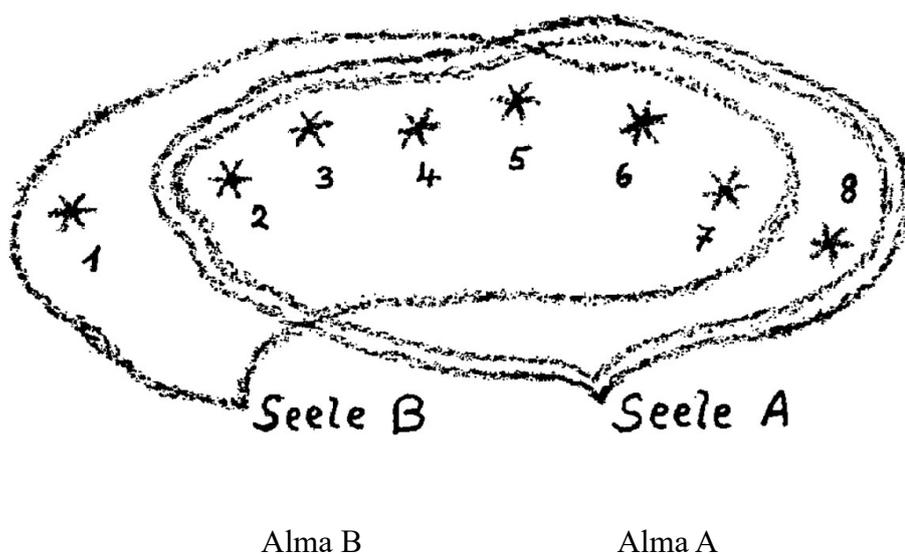
Contudo, para que as almas individuais não voltem a se unir, temos que pensar que cada gota de alma passou a ser parte de uma esponja e assim continuam separadas. Foi isso que aconteceu. Somente porque nós seres humanos estamos contidos em corpos físicos e etéricos é que estamos realmente separados. Durante o sono, continuamos separados porque temos uma forte avidez pelos nossos corpos físicos.

Essa avidez, que bate ardentemente por inteiro no nosso corpo físico, nos separa durante o sono, pois, caso contrário, à noite ficaríamos completamente diluídos e, possivelmente, pessoas sensíveis não gostariam de saber se já estão ligados demais a outros seres do seu ambiente. Mas isso não é muito ruim se comparado ao que aconteceria se essa ardente avidez pelo corpo físico não existisse enquanto o ser humano está encarnado.

Poderíamos também perguntar: o que é que separa nossas almas no tempo entre a morte e um novo nascimento? Assim como durante o tempo entre o nascimento e a morte o nosso Eu e o nosso corpo astral pertencem aos corpos físico e etérico, assim também durante a morte e um novo nascimento o nosso Eu e o nosso corpo astral pertencem a uma bem determinada região das estrelas, cada um de nós pertence a uma bem determinada região das estrelas. É a partir desse instinto que se fala da “estrela do ser humano”. Se olharem primeiro uma projeção física das estrelas, os senhores entenderão que essa região é arredondada na sua periferia e podem dividi-la em áreas de todas as maneiras possíveis. As áreas se sobrepõem, mas cada alma pertence a uma área específica.

Anímicamente, pode-se dizer que cada alma pertence a um grupo específico de anjos e de arcanjos. Da mesma maneira como os seres humanos se encontram na Terra através das suas almas, assim também durante a morte e o novo nascimento cada alma pertence a uma determinada região estelar e encontra o seu grupo específico de anjos e arcanjos. Acontece que na Terra cada pessoa tem o seu próprio corpo físico, só que isso é apenas aparente, embora não quero falar agora a respeito desse mistério. Os senhores vão estranhar que eu diga que é isso aparente, mas é algo exaustivamente pesquisado, assim também como cada alma tem a sua própria constelação, que se sobrepõe à constelação de uma outra alma humana.

Pensem os senhores num determinado grupo de anjos e de arcanjos. Milhares de arcanjos e de anjos pertencem a cada alma na vida durante a morte e um novo nascimento. Pensem os senhores nesses milhares, retirem apenas um desses milhares e substituam-no por um outro. Aí os senhores já têm a região estelar própria de uma outra alma. No desenho abaixo, temos duas almas que contam com as mesmas estrelas, com exceção de uma estrela que está em outra região, pois as almas têm regiões iguais, mas não absolutamente iguais. É assim que, durante a morte e um novo nascimento, os seres humanos são individuais, porque cada um deles tem a sua própria região estelar^{NT}.



Assim, pode-se ver o que é que separa as almas uma da outra durante a morte e um novo nascimento. Aqui no mundo físico, a separação acontece como conhecemos por meio do corpo físico: a pessoa tem de certa forma o corpo físico como um envoltório, contempla o mundo a partir dele e tudo deve convergir para esse corpo físico. Tudo o que converge para a alma humana durante a morte e um novo nascimento está ligado à relação entre o seu corpo astral e o seu Eu com uma região estelar, da mesma forma como a alma e o Eu se relacionam ao corpo físico. Essa é a resposta à pergunta: como se separam as almas durante a morte e um novo nascimento?

A partir das considerações hoje apresentadas, os senhores podem ver de que maneira podemos agir na nossa alma para gerar certos sentimentos e sensações e, assim, construir a ponte de ligação entre os chamados falecidos e os vivos. Também o que disse por último mostra-se apropriado para atrair pensamentos sensíveis ou sensações pensantes, que, por sua vez, podem ser utilizados na criação dessa ponte. Isto é possível, na medida em que, em relação a uma pessoa falecida, tentamos repetidamente gerar esse tipo de sentimento que, quando presente, faz surgir na alma o impulso de se perguntar: “E como sentiria o falecido o que eu vivencio neste momento?”.

Assim cria-se uma imagem como se o falecido estivesse participando junto conosco dessa vivência, e pode-se fazer isso de tal forma viva que, de certa maneira, é possível imitar o jeito como o falecido age com uma pessoa viva ou com um outro falecido, na medida em que os senhores relacionam aquilo que as diferentes regiões estelares lhes oferecem com a situação da alma dos

NT: Desenho de Hedwig Frey, a partir de esboço do original de Rudolf Steiner em quadro negro, anexado ao texto taquigrafado das conferências.

senhores ou relacionam entre si o que vem das diferentes regiões estelares. Através da atribuição às almas de diferentes regiões estelares, já se emula o que ocorre entre as elas. Quando através da presença do falecido a pessoa viva consegue concentrar-se num assunto de interesse imediato e atual, quando dessa maneira ela sente o falecido diretamente vivo ao seu lado, aí então também vai crescer gradualmente a consciência de que, através do que expliquei hoje, o falecido realmente se aproxima a nós.

A alma também desenvolve uma consciência a esse respeito. Nesse sentido, deve-se justamente ter a confiança existencial de que as coisas acontecem. Isto porque, quando, no lugar de ter confiança, a pessoa é impaciente perante a vida, aí então passa a valer a segunda verdade da seguinte frase: o que traz confiança afasta a impaciência, mas o que a pessoa poderia conhecer graças à confiança torna-se tenebroso devido à impaciência. Não existe nada pior do que quando, devido à impaciência, cria-se o feitiço de um nevoeiro perante a alma.

* GA 181 A morte da Terra e a vida do mundo Dádivas vitais da Antroposofia Rudolf Steiner Verlag, Dornach, (1922) 1991.